

Rosa Luxemburg e a Revolução Russa

Rosa Rosa de Souza Rosa Gomes*

Resumo: A revolução russa entrou como pauta de discussão no socialismo internacional desde 1905. Neste momento, Rosa Luxemburg escreve a brochura intitulada *Greve de Massas Partido e Sindicatos* na qual faz um histórico das greves russas desde 1896 e descreve o desenvolvimento do movimento que sai de pautas econômicas para políticas até fundir as duas na mobilização de 1905. Os soviets surgiram neste momento, segundo Volin, e foram essenciais para a revolução de 1917. A explosão de fevereiro e os avanços de outubro sacudiram os socialistas em toda a Europa ocidental que procuravam entender porque a revolução na Rússia e até que ponto ela seria ou não um modelo. Neste momento, e um pouco antes da Revolução Alemã, Luxemburg escreveu uma crítica às medidas adotadas pela Revolução de Outubro e que foi publicada apenas nos anos 1920. A tentativa de entender essas críticas sem cair na ideia de que o texto é uma análise premonitória da posterior União Soviética é o objeto da comunicação. As questões agrária, nacional e democrática eram importante na prática política de Luxemburg e suas críticas aos bolcheviques estavam pautadas pela sua análise da acumulação capitalista e da situação política alemã.

Palavras-chave: Revolução Russa, Rosa Luxemburg, Primeira Guerra Mundial, Questão Nacional, Acumulação de Capital.

Rosa Luxemburg and the Russian Revolution

Abstract: Socialists all over the world discuss the Russian Revolution since 1905. In this year, Rosa Luxemburg wrote *The Mass Strike, the Political Party and the Trade Unions*. In this text, she presents the history of Russian strikes since 1896 and describes the movements development that goes from economic issues to political ones until both merged in the struggles of 1905. According to Volin, the soviets were born at this moment and were essential to the Revolution in 1917. The riots on February and the deepening of the process on October shook up socialists in all western Europe, they tried to understand why it happened in Russia and how much of that process could be seen as a model for other countries, or not. Then, right before the German Revolution, Luxemburg wrote a critical article on some measures taken by the Bolshevik leaders. This article was not published at the time, only in the 1920's. The proposed paper intends to discuss this critics without taking it as a premonitory analysis of what Soviet Union would become. The agriculture, national and democracy issues were important in the political practice of Luxemburg and her critics to the Bolsheviks were based on her analysis of capital accumulation and of the German political context.

Keywords: Russian Revolution, Rosa Luxemburg, I World War, National Question, Accumulation of Capital.

* Mestre em História Econômica.

"Mais importante é que os trabalhadores alemães aprendam a enxergar a Revolução Russa como seu próprio problema, não apenas no sentido da solidariedade internacional de classes com o proletariado russo, mas sobretudo como um capítulo da sua própria história política e social". Rosa Luxemburg, Greve de Massas, Partido e Sindicatos, 1905¹

Em *A Revolução Desconhecida*, Volin² diz que a Revolução Russa pode ser vista em três perspectivas: 1) na longa duração, desde o Levante dos Dezembristas em 1825 até os dias atuais, ele escreve entre 1930 e 1945; 2) as duas grandes convulsões de 1905 e 1917; ou 3) apenas como a grande explosão de 1917. Podemos dizer que Rosa Luxemburg analisa o movimento dentro da primeira perspectiva, assim como Volin, embora ela, em vida, não gostasse de ser comparada a anarquistas. A diferença é que Luxemburg inicia sua análise a partir do momento que Volin caracteriza como a entrada do marxismo no movimento dos trabalhadores russo, entre 1881 e 1900.

Para Rosa Luxemburg, a Revolução de 1917 foi a continuidade da de 1905 e, ao analisar esta última, a autora retorna às greves dos anos 1890 na Rússia, sempre debatendo com o Partido Socialdemocrata Alemão (SPD), mais do que com os russos. Lugar de sua militância, as disputas de Rosa eram muito mais voltadas para uma revolução no centro capitalista da Europa continental.

A Primeira Revolução, 1905

A ideia de que o movimento de massa é muito mais potente do que uma direção centralizada de um partido, estava presente em Luxemburg antes da revolução de 1905. No texto em que debate com Lenin, em 1904, *Questões de Organização da Social-Democracia Russa*, Rosa Luxemburg já apontava esse posicionamento.

Para ela, um movimento revolucionário não poderia se imobilizar em “principismos”, deveria sim estabelecer pressupostos a partir dos quais atuaria, mas deveria desenvolver sua prática na direção do socialismo sem estabelecer táticas fixas.

¹ LUXEMBURG, Rosa. *Questões de Organização da Social-democracia Russa*. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburg: textos escolhidos*. Volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 326-2-327.

² VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. São Paulo: Global, 1980. Autor de *A Revolução Desconhecida*, Volin foi um anarquista russo que viveu entre 1882 e 1945 e participou das duas revoluções. Trabalhou com educação popular no soviet de Bobrov e participou do movimento makhnovista.

Por isso, o partido serviria para dar direção ao movimento, que só seria realizado de fato pelas massas conscientes³.

Em 1904, Luxemburg diz:

É igualmente importante para a social-democracia, não a previsão nem a construção prévia de uma receita pronta para a tática futura, mas manter viva, no partido, a avaliação histórica correta das formas de luta vigentes, manter vivo o sentimento da relatividade da atual fase da luta e da necessária intensificação dos momentos revolucionários, a partir do ponto de vista do objetivo final da luta de classes proletária.⁴

Diferente de Lenin, Luxemburg não acreditava em um partido centralizado e centralizador, no qual um comitê decidiria todas as ações. Para ela, as direções tendiam a se conservar e, por isso, a se estabilizar aquém do movimento de massas, que tinha o papel de revolucionar a direção, empurrando-a adiante.

O debate dela não é apenas com Lenin, é também com a socialdemocracia europeia ocidental, principalmente, alemã, que caminhava para a supervalorização da tática parlamentar, colocando-a como princípio e não como tática. Debate este que se intensificou com os acontecimentos de 1905 e pautou o congresso do SPD daquele ano.

Em 1905, os sindicatos da Alemanha fizeram o seu quinto congresso. A *Generalkommission* (Comissão Geral), direção dos sindicatos, incumbiu Theodor Bömelburg, também membro do SPD e presidente do sindicato dos pedreiros, de falar contra a greve de massas. O resultado foi a aprovação, por este congresso, de uma resolução contrária à tática e que procurava encerrar a discussão sobre o assunto. A direção sindical precisava parar as ações espontâneas dos trabalhadores, que ocorreram também na Alemanha neste ano, com uma greve de mais de 200 mil mineiros no Ruhr⁵.

Segundo Vieira de Souza:

Se a espontaneidade enquanto fenômeno sociopolítico de massas atrelava-se, na Rússia, à inexistência de organizações sólidas e dotadas de recursos que lhes permitissem orquestrar um movimento de tamanha envergadura, no vale do Ruhr ela expressou-se no fato de que metade dos grevistas não pertencia a qualquer sindicato, ao passo que a outra metade teve de voltar-se contra a burocracia incrustada nas entidades a que pertenciam para dar vazão à sua revolta elementar.⁶

Os dirigentes sindicais manobraram a base e abafaram o movimento. Essas

³ LASCHITZA, Annelies. Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie. Augbau Verlag, 1996.

⁴ LUXEMBURG, Rosa. Questões de Organização da Social-democracia Russa. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburg: textos escolhidos*. Volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 162.

⁵ Ver SOUZA, Luiz Enrique Vieira de. A Recepção Alemã à Revolução Russa de 1905. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, out 2012, 319 p.

⁶ Idem, p. 189.

manifestações, a forma como foram conduzidas e os debates sobre a Revolução Russa de 1905, colocaram a greve de massas na ordem do dia do congresso de Jena, ocorrido entre 17 e 23 de setembro, ou seja, antes do fim do processo na Rússia, porque só em outubro o Czar fez a proposta da Duma, com uma posterior reordenação conservadora que abafou o levante⁷.

Durante o congresso, o partido aprovou uma resolução de apoio à revolução em um texto que elogiava o proletariado russo, mas especialmente àqueles homens e mulheres que trabalharam pela revolução, ensinando e organizando o proletariado durante anos, pois o movimento teria sido resultado do trabalho de operários russos, guiados pela socialdemocracia, com o objetivo de derrubar o absolutismo e conscientes de que esta era uma etapa necessária para a luta contra o capitalismo. A resolução também dizia que era justo derrubar um regime despótico como o czarista:

Essa perspectiva aparece também no texto *Greve de massas, Partido e Sindicatos* de Rosa Luxemburg, pois ela também afirma a importância do trabalho da socialdemocracia russa no movimento dos trabalhadores, mas, segundo Volin, a socialdemocracia russa teve um trabalho importante, no entanto, ela não influenciou as massas, o movimento nascera das condições materiais da população, que foi se auto-organizando em soviets no decorrer da luta.

A discussão sobre a greve de massas e a relação com a socialdemocracia apresentava-se também na Alemanha, dentro do SPD, e foi central nos congressos do partido em 1905 e 1906. Basicamente, o partido afirmava a importância do instrumento, mas fazia a ressalva de que sua eficácia dependia do grau de organização do partido e sindicatos e do nível de consciência dos trabalhadores.

A questão central para eles era a defesa e expansão do sufrágio universal, grande bandeira do partido na Alemanha, que tinha um sistema eleitoral bastante complexo porque variável de acordo com o estado, exceção feita à eleição do parlamento nacional, baseada no sufrágio universal masculino.

August Bebel era o dirigente mais antigo do partido, o mais respeitado e aquele que mantinha a unidade, fazendo proposições conciliadoras. Sua fala e proposta de resolução acerca da greve de massas no debate de 1905 tiveram esse mesmo sentido: conciliar a posição dos sindicatos, que se viam ameaçados pela ação autônoma das massas, e da esquerda do SPD, que acreditava ser essa ação autônoma a chave da

⁷ VOLIN, op. cit.

revolução, como a Rússia havia demonstrado.

Segundo ele, depois de 1903 e por causa do aumento de eleitores e de deputados do SPD, a burguesia começou a atacar o direito de voto e a adotar uma tática de apoio às reformas para atrair os eleitores do SPD. Os inimigos estariam mais agressivos, as contradições de classe mais acirradas e isso se evidenciaria em vários debates no Reichstag (parlamento imperial) - tarifas alfandegárias, proteção aos trabalhadores. Bebel entendia que o acirramento deu-se principalmente dentro do parlamento, e que as disputas na rua teriam sido internalizadas ali. Nesta instituição, o SPD não era maioria, mas, para Bebel, o fato de os inimigos estarem tão incomodados com sua presença demonstraria a importância da eleição. Por isso, eles precisariam conscientizar o proletariado de que seu poder era maior que o da burguesia⁸.

Para alcançar essa consciência e esse poder, que transforma quantidade em qualidade, seria necessário o trabalho de agitação do SPD, importante para tomar o poder e evitar a catástrofe, que se igualava, na fala de Bebel, com a revolução. Dessa forma, ele acabou negando a revolução:

Como se sabe, é um erro quando se diz que a social-democracia luta por revoluções. Não pensamos nisso. Qual o interesse que temos em produzir catástrofes nas quais os trabalhadores, em primeiro lugar, sofreriam muito?⁹

Bebel colocou a greve de massas como mais um instrumento de luta por mais direitos e em defesa deles, não da revolução. Um instrumento de luta à disposição dos trabalhadores alemães, a ser usado eventualmente. A greve de massas deveria estar a serviço do direito de voto e não ignorá-lo completamente, como defendiam alguns dentro do partido, que diziam que o parlamento não tinha importância; aqui ele se dirigia principalmente a Raphael Friedeberg¹⁰.

⁸ *Protokoll des Parteitages Jena*, 1905.

⁹ "Es ist bekanntlich ein Irrtum, wenn man sagt, die Sozialdemokratie arbeite auf Revolutionen hin. Das fällt uns gar nicht ein, was haben wir denn für Interesse daran, Katastrophen zu erzeugen, unter denen die Arbeiter in erster Linie schwer zu leiden haben?". In: *Protokoll des Parteitages Jena*, 1905, p. 292. (tradução da autora)

¹⁰ Daniel Guérin fala sobre a discordância de anarcossindicalistas com essa instrumentalização da greve geral pelos socialistas que a utilizavam somente para fins parlamentares ou eleitorais retirando todo o seu valor incendiário para a transformação social. "Era un hecho que los sindicalista revolucionarios, particularmente los franceses, reprobaban la huelga general (o huelga de masas, según la terminología alemana) desde el momento que ésta fuera puesta al servicio de un objetivo 'político', en el sentido parlamentarista y electoralista del término. Tal era, en efecto, el uso que se le había dado, entre outros, en el caso de las huelgas belgas de 1893 y 1902, cuando el asunto había sido la extensión del sufragio universal. Ése debía ser también el objetivo em Prusia, entre 1910 y 1914, de la huelga general preconizada, por outra parte en vano, por Rosa Luxemburg". GUÉRIN, Daniel. Rosa Luxemburg y la espontaneidad revolucionaria. La Plata: Utopia Libertaria, s.d, p. 60.

Friedeberg era considerado um anarquista dentro do SPD, pois era a favor da greve geral e do sindicalismo antiparlamentarista, tendo sido expulso do partido em 1907 por participar do III Congresso Internacional de Anarquistas em Amsterdã.

A questão entre luta política e econômica e a prevalência de uma sobre a outra percorreu também este debate. Para os socialdemocratas de direita, a greve geral era uma tática anarquista, que acreditariam que a luta por melhorias econômicas se expandiria até uma luta revolucionária e transformadora, enquanto estes socialdemocratas acreditavam que a revolução deveria ser obra de uma ação politicamente consciente, uma transformação política que teria efeitos na vida econômica. Daí a defesa enfática de Bebel, e outros militantes do SPD, de que a greve de massas deveria estar a serviço da organização na luta por direitos políticos, especificamente, o direito de voto.

Impressionada com as posições dos dirigentes da socialdemocracia, Rosa Luxemburg interveio nesse congresso dizendo: “vivemos de fato no ano da gloriosa revolução russa ou estamos há dez anos atrás?”¹¹. Para ela, a questão não era como seria exatamente a greve de massas, se haveria sangue ou não. Quem fazia essas conjecturas não sabia nada sobre as massas. Era preciso aprender com a revolução.

Luxemburg disse: as revoluções até agora, especialmente a de 1848, provaram que em situações revolucionárias não são as massas que devem ser colocadas nas rédeas, mas os advogados parlamentaristas para que eles não traíam as massas e a revolução¹².

Portanto, a preocupação da organização e do controle das massas, demonstrada por membros do partido, deveria ser direcionada a eles mesmos.

Para Rosa, as massas deveriam sim ser esclarecidas, mas não para colocar a organização em primeiro lugar. Segundo ela, “não a organização acima de tudo, mas sobretudo o espírito revolucionário do esclarecimento!”¹³ deveria ser a forma de conscientizar as massas. Esse era o grande ensinamento da Revolução Russa:

Aprendam uma vez com a Revolução Russa! As massas foram empurradas para a revolução, quase nenhum rastro de organização

¹¹ "Leben wir denn tatsächlich im Jahre der glorreichen russischen Revolution oder stehen wir in der Zeit zehn Jahre vor ihr". In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. september 1905*, p. 320.

¹² "Die bisherigen Revolutionen, namentlich die von 1848, haben bewiesen, daß man in revolutionären Situationen nicht die Massen im Zügel halten muß, sondern die parlamentarischen Rechtsanwälte, damit sie die Massen und die Revolution nicht verraten". In: *Idem*, p. 320.

¹³ "Nein, nicht die Organisation vor allem, sondern vor allem der revolutionären Geist der Aufklärung!". In: *Idem*, p. 321. (Tradução da autora)

sindical e elas fortalecem agora sua organização passo a passo através da luta. É mesmo uma concepção totalmente mecânica e não dialética a de que organizações fortes devem sempre preceder a luta. Ao contrário, a organização nascerá também na luta junto com a consciência classe.¹⁴

Ao seu lado, Karl Liebknecht adicionou mais um argumento ao debate. Não apenas a organização não deve estar em primeiro plano, como a tática eleitoral parecia ter chegado ao seu limite. Ele disse:

Vê-se que, apesar do grande sucesso eleitoral, tudo continua na mesma. Isso explica a mudança de posição que há por trás disso, que haja uma sensibilidade maior em relação a ações extraparlamentares como o primeiro de Maio, que se procure por novas ações extraparlamentares e que a greve de massas encontre sempre mais adeptos.¹⁵

Para Liebknecht, apesar da grande vitória que o SPD tivera nas eleições de 1903, saltando de 56 para 81 deputados parlamentares, as greves que ocorreram na Alemanha naquele ano e a disposição dos trabalhadores para ações radicais indicavam um entendimento por parte destes de que a institucionalidade não havia avançado a luta e que era necessário maior radicalização. Assim, a greve de massas seria um meio, uma forma de luta política orgânica ao proletariado, porque nascera dentro dele, servindo para proteger os direitos conquistados até ali.

Toda essa discussão aparece de forma muito clara no texto de Rosa Luxemburg, publicado em 1906, *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften* (Greve de Massas, Partido e Sindicatos¹⁶). A sua leitura à luz do congresso de 1905 permite-nos perceber o debate com o partido. Não é apenas um texto teórico sobre a greve de massas, mas uma defesa dentro da socialdemocracia dessa forma de luta como expressão da revolução.

No final de 1905 e início de 1906, Luxemburg dirigiu-se para o meio da tormenta. Confrontando diretrizes de companheiros do partido polonês (o SDKPił, Partido Social-democrata do Reino da Polônia e Lituânia), como Leo Jogisches que a

¹⁴ "Lernen Sie einmal aus der russischen Revolution! Die Massen sind in die Revolution getrieben, fast keine Spur von gewerkschaftlicher Organisation, und sie festigen jetzt Schritt für Schritt ihre Organisationen durch den Kampf. Es ist eben eine ganz mechanische undialektische Auffassung, dass starke Organisationen dem Kampfe immer vorausgehen müssen. Die Organisation wird auch umgekehrt selbst im Kampf geboren zusammen mit der Klassenauflösung". In: Idem, p. 321. (Tradução da autora)

¹⁵ "Man sieht, dass trotz der grossen Wahlerfolge alles beim alten geblieben ist. Daraus erklärt sich der Stimmungsumschwung, der darin besteht, daß man in bezug auf ausserparlamentarische Aktionen wie die Maifeier empfindlicher geworden ist, daß man nach neuen ausserparlamentarischen Aktionen sucht und daß der Generalstreik immer mehr Anhänger findet". In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. September 1905*, p. 326. (Tradução da autora)

¹⁶ Daqui em diante, utilizaremos apenas *Greve de Massas...*

queria em Berlim, ela viajou para Varsóvia para participar da revolução. Foi presa na Polônia em 1906 e libertada em junho desse ano. Ao retornar para a Alemanha, editores alemães encomendaram um estudo sobre a experiência russa e este resultou em *Greve de Massas...*¹⁷

O texto, dividido em oito partes, foi escrito após os acontecimentos e dialogava com argumentos levantados no congresso anterior. Além da questão da organização ou não de sindicatos e partidos e da greve ser um instrumento anarquista, debateram no congresso também a validade da experiência russa para a Alemanha, uma vez que os contextos político e econômico eram muito diferentes.

Luxemburg desconstruiu essas objeções.

Primeiro ela enfatiza a diferença entre a greve *política* de massas e a greve geral anarquista. A objeção à greve de massas tinha origem na crítica de Engels à greve geral anarquista. No entanto, a tática de Engels precisava ser revista à luz dos recentes acontecimentos na Rússia. Se a recusa da greve anarquista servira para elevar a socialdemocracia ao posto de vanguarda, a morte do anarquismo na Rússia – segundo Luxemburg – abria espaço para usar a greve de massas como tática para a instituição do parlamentarismo, uma das formas de experiência política para a conscientização da classe.

A distinção entre a greve de massas e a greve geral anarquista, pontuada por Luxemburg, logo no começo do texto, não convence o leitor, apesar da intenção de estabelecer limites claros dizendo que o instrumento revolucionário da classe se caracteriza por um processo de lutas radicais, que se constituem em aprendizado e auto-organização, e não em um processo repentino que de uma só vez derrubaria o Estado e faria a revolução, como quereriam os anarquistas. O principal objetivo dela, ao se diferenciar do anarquismo, era manter distância segura com o que era considerado quase uma doença no movimento operário. Segundo Petter Nettle, “a primeira coisa era arrancar a greve de massas da posse mais ou menos exclusiva dos anarquistas – pelo menos aos olhos de seus oponentes. Rosa Luxemburg estava bem consciente das fortes reservas que o partido alemão tinha sobre o assunto”¹⁸. E o argumento mais forte para afastar o anarquismo era o fato de que a greve de massas, para Luxemburg, não poderia

¹⁷ LASCHITZA, Annelies. Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996. Ver também NETTL.

¹⁸ "the first thing was to wrest the mass strike from its more or less exclusive possession by the anarchists – at least in the eyes of its opponents. Rosa Luxemburg was well aware of the strong reservations in the German party on this account". NETTL, John P. Rosa Luxemburg. Londres: Oxford University Press, 1966. (Tradução da autora)

ser planejada¹⁹.

Para a autora, a greve de massas seria o resultado de condições sociais, nasceria da materialidade e não explodiria artificialmente. Era preciso entender as condições que a produziriam, porque “é impossível 'propagar' a greve de massas como meio abstrato de luta assim como é impossível propagar a 'revolução'. A 'revolução' e a 'greve de massas' são conceitos que enquanto tais significam apenas a forma exterior da luta de classes, que só têm sentido e conteúdo em situações políticas bem determinadas”²⁰, da mesma forma seria impossível impedi-la, proibi-la e o debate sobre ela só teria sentido dentro das condições concretas que a fizeram, objetivamente.

Em Luxemburg, as greves de massas na Rússia começaram em 1896 por motivações econômicas que se transformaram em fenômenos políticos, em necessidade de organização para os trabalhadores, criando e fortalecendo sindicatos. Ao longo do tempo, diversas greves teriam surgido por questões políticas, como apoio a operários massacrados em outras regiões. Já o movimento de 1905 teria um acúmulo de todas essas lutas e das organizações formadas, partindo da centralização da socialdemocracia e se fragmentando em inúmeras reivindicações locais: a luta política contra o absolutismo transformara-se em lutas econômicas, misturando-se as duas pautas. Conforme Nettl, a greve de massas era a unificação de uma série de eventos.

Contudo, a greve de massas teria se esgotado na Rússia antes de fazer a revolução, porque as condições para tal não estariam dadas no país. A greve teria ajudado a desenvolver o capitalismo na região, modernizando-o, ao mesmo tempo em que conscientizou os trabalhadores, que se organizavam. Ela teria cumprido este papel na Rússia. Em um processo mais longo de lutas, levaria à transformação profunda da sociedade.

Ao contrário de seus camaradas alemães, Luxemburg não entendia a greve movida por questões técnicas, cálculos matemáticos e estratégicos precisos, mas pela correlação de forças políticas e sociais de cada momento – era isso que determinava o desenrolar dos acontecimentos. A greve de massas era a “forma de expressão da luta proletária na revolução”²¹, e o seu conteúdo era feito das contradições sociais.

Ela se dirigiu diretamente aos “oportunistas alemães” – que só questionavam o

¹⁹ Idem.

²⁰ LUXEMBURG, Rosa. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 271.

²¹ LUXEMBURG, Rosa. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. In: LOUREIRO, Isabel (org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 299.

derramamento de sangue na luta de rua sem entender que a classe operária se sacrifica todos os dias – afirmando que a diferença na revolução é que o sacrifício é em causa própria e civilizacional, pois uma revolução traz a transformação das relações sociais em prol de todos. Esta deveria ser a preocupação de um socialista científico. Enquanto a revolução não estivesse na ordem do dia, as lutas parlamentares, por questões econômicas, não teriam um efeito revolucionário, pois as melhorias de vida poderiam ser retiradas pelos capitalistas a qualquer momento. Para que as lutas econômicas fossem revolucionárias deveriam se unificar com as políticas: a sociedade burguesa separou-as, era preciso reunificá-las. Em Luxemburg, “é a revolução que primeiramente cria as condições sociais nas quais é viabilizada aquela transformação imediata da luta econômica em política e da luta política em econômica, que encontra sua expressão na greve de massas”²².

A revolução acaba com as divisões instituídas pelo capitalismo, permite suplantar a divisão social do trabalho e, assim, também a divisão social da vida em setores.

Continuando seu debate com os dirigentes alemães, para Luxemburg, as condições do proletariado na Alemanha não eram tão diferentes da Rússia quando se observava a massa de trabalhadores fora da luta sindical e a ausência desta última no meio rural, entre os camponeses. Portanto, também ali as condições permitiriam a eclosão de uma ação revolucionária. Mas, no caso alemão, a revolução deveria levar ao socialismo, pois já existiam as condições para isso. Não existia, na Alemanha, as ambiguidades da Rússia: um país absolutista com o capitalismo como modo de produção dominante cuja classe era incapaz de tomar o poder.

Encontramos aqui a questão da organização. Na Alemanha, havia muitos sindicatos e o grande partido socialista, os quais achavam que era necessário fortalecer a máquina antes de agir e não compreendiam o desenvolvimento dialético da organização como produto da ação. Era isso que a experiência russa demonstrava: a organização também se constrói na luta e é nesta que a grande massa proletária aparece e cumpre suas tarefas.

Na Rússia, a base material que levou ao surgimento dessa nova forma revolucionária, para Luxemburg, era o modo de produção capitalista economicamente dominante amalgamado com uma estrutura absolutista arcaica. O capitalismo já se

²² *Ibidem*, p. 305.

desenvolvia ali, de maneira periférica, por isso já existia o proletariado e, devido ao arcaísmo da classe dominante russa, aquela classe deveria fazer a revolução burguesa. Entretanto, a greve de massas transpusera este ponto e acenava para o futuro, colocando a Rússia como precursora da história da revolução social. Por mais contraditório que fosse, o desenvolvimento capitalista não era uma “bela linha reta, mas num zigue-zague grosseiro, similar a um raio”²³, não se podia esperar que todos os países alcançassem o mesmo estágio de desenvolvimento “para que o todo possa continuar seu movimento”²⁴; nesse sentido, o fato da Rússia ser um país atrasado, embora contraditório, não impedia que ela impusesse tarefas ao operariado alemão visando à revolução social.

Diante disso, quando as condições estivessem postas na Alemanha, os socialistas não poderiam esperar até que todos os trabalhadores estivessem no mesmo estágio de consciência e fossem membros do partido. O papel do partido era acelerar os acontecimentos, explicando as contradições sociais, esclarecendo suas táticas e o objetivo final para que a greve de massas acontecesse e carregasse todos consigo, conscientizando a massa em seu processo.

Assim, a resposta de Luxemburg aos dirigentes do partido era: não adiantava querer aplicar receitas, nem ser o senhor da situação, a greve de massas era fruto de condições sociais concretas, do desenvolvimento das contradições capitalistas, e uma forma de expressão da revolução. Eles não poderiam freá-la com medo do derramamento de sangue operário argumentando que “o sangue do povo é muito caro para mim”²⁵. Para Luxemburg:

Todas as revoluções foram feitas às custas do sangue do povo. A grande diferença é que até agora o sangue do povo foi derramado em prol das classes dominantes, e agora, quando se falou da possibilidade de dar seu sangue por sua própria classe, aí vem os assim chamados social-democratas cautelosos e dizem: não, este sangue é muito caro para nós.²⁶

A cautela da socialdemocracia não se justificava nem do ponto de vista do desenvolvimento histórico, nem das condições daquele momento. A radicalização das contradições de classe permitia maior esforço de agitação e propaganda por parte do

²³ LUXEMBURG, Rosa. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 331.

²⁴ *Ibidem*, p. 331.

²⁵ Wolfgang Heine. *Protokoll des Parteitage abgehalten zu Jena*, 1905, p. 316.

²⁶ “... alle Revolutionen mit dem Blut des Volkes erkaufte sind. Der ganze Unterschied ist, dass bis jetzt das Blut des Volkes für die herrschenden Klassen verspritzt wurde, und jetzt, wo von der Möglichkeit gesprochen wird, ihr Blut für ihre eigene Klasse zu lassen, da kommen vorsichtige, sogenannte Sozialdemokraten und sagen, nein, dies Blut ist uns zu teuer”. *Idem*, p. 321 (Tradução da autora)

partido. Em *Greve de Massas...*, Luxemburg acreditava que a revolução na Alemanha ainda demoraria a se realizar, mas poderia vir mais rápido do que o esperado. O partido não poderia se esquivar das suas tarefas durante períodos de efervescência.

Se a greve de massas era um processo de lutas, 1905 e 1906 foram momentos importantes deste processo na Alemanha, com manifestações em diversos lugares. Haveriam outros nos anos seguintes, mas, ao contrário do que defendia Luxemburg, a direção não cumpriu seu papel de agitadora, tentando, antes, paralisar os movimentos espontâneos dos trabalhadores.

Interregno

De 1905 a 1914, a luta de classes se intensificou e a disputa dentro da burguesia também. Viu-se o acirramento da competição imperialista e diversos movimentos dos trabalhadores aconteceram, vários deles por questões políticas, como as manifestações pelo sufrágio universal no Reino da Prússia.

Neste contexto, Rosa Luxemburg participou como grande agitadora, procurando empurrar os trabalhadores para a ação e discutindo os posicionamentos dos partidos socialistas frente a esses movimentos. Diante do crescimento da luta, o partido alemão, principalmente, tomou decisões mais moderadas politicamente para tentar contemporizar com os partidos da época e evitar o confronto na rua.

As mudanças de estratégia política chegaram a tal ponto que parte do partido passou a defender uma guerra, caso ela fosse contra a Rússia por esta representar o reacionarismo absolutista.

Diante de tais argumentos, Luxemburg explicava as relações entre a guerra, o imperialismo e o avanço do capitalismo no mundo, frisando que o militarismo era o meio do capital expandir seus tentáculos sobre a humanidade e que o partido socialista não poderia apoiar este instrumento por qualquer motivo que fosse, uma vez que ele só reforçaria a dominação sobre o proletariado.

Depois de muitas discussões e com o acirramento dos ânimos na Europa, a guerra foi deflagrada e Rosa Luxemburg se viu como voto vencido na socialdemocracia alemã. Ela e mais uns poucos opositores foram o que sobrou da II Internacional na defesa do socialismo.

Apesar do baque que foi ver a chamada vanguarda do socialismo europeu, o SPD, se submeter a ideologia nacionalista, Luxemburg continuou sua agitação, focando

agora no combate à guerra imperialista, juntando milhares de pessoas para falar contra o envolvimento da classe trabalhadora no conflito da burguesia.

Depois de meses de agitação, Rosa Luxemburg foi presa no início de 1915. O Estado alemão precisava calar ela e Karl Liebknecht, grandes agitadores contra a guerra. Luxemburg foi solta apenas com a Revolução de 1918 na Alemanha.

A Grande Revolução, 1917

A Revolução Russa de 1917 foi saudada por Rosa Luxemburg da prisão. Ansiosa por notícias, Luxemburg acompanhou os acontecimentos, o que é possível verificar nas cartas escritas a amigos, muitas delas com comentários sobre o evento. A preocupação maior dela não era com os bolcheviques, mas com a postura da socialdemocracia ocidental, que permaneceu estática observando os acontecimentos a leste.

Em carta para Luise Kautsky, em 24 de novembro de 1917, Rosa diz:

Você se alegra com os russos? Claro que eles não vão se manter nesse Sabá de bruxas - não porque a estatística apresenta um desenvolvimento econômico muito atrasado na Rússia, como o seu inteligente marido calculou, mas sim porque a social-democracia, no altamente desenvolvido Ocidente, compõe-se de covardes ganindo e deixarão, tranquilos observando, os russos sangrarem. Mas tal derrota é melhor do que "viver para a pátria", este é um fato mundial, cujo rasto não perecerá pelos éons.²⁷

Entre as paredes de sua cela, Luxemburg decidiu escrever uma reflexão sobre os acontecimentos entre novembro de 1917 e meados de 1918, especialmente. Segundo a bibliografia, o texto não tinha a intenção de ser publicado, sendo-o somente em 1922, por Paul Levi, em disputas internas do Kommunistische Partei Deutschlands (KPD).

O texto está dividido em quatro partes e inicia com um elogio à Revolução, "o fato mais marcante da guerra mundial". Para Luxemburg, a derrubada do czarismo em 1917 foi resultado das condições internas do próprio país, da maturidade de sua luta, tendo a guerra mundial, "a aventura bélica do imperialismo alemão", atrapalhado o seu desenvolvimento, a sua continuidade a partir de 1905-1907, seu prólogo. Os problemas

²⁷ Freust Du Dich über die Russen? Natürlich werden sie sich in diesem Hexensabbath nicht halten können - nicht weil die Statistik eine so rückständige ökonomische Entwicklung in Rußland aufweist, wie Dein gescheiter Gatte ausgerechnet hat, sondern weil die Sozialdemokratie in dem hochentwickelten Westen aus hunds jämmerlichen Feiglingen besteht und die Russen, ruhig zusehend, sich werden verbluten lassen. Aber ein solcher Untergang ist besser als "leben bleiben für das Vaterland", es ist eine weltgeschichtliche Tat, deren Spur in Äonen nicht untergehen wird. In: LUXEMBURG, Rosa. Gesammelte Briefe. Berlin: Dietz Verlag, 1984, v. 5, p. 329. (Tradução da autora)

pelos quais passava a ditadura do proletariado na Rússia, naquele momento, não eram resultado das decisões tomadas pelos dirigentes da revolução, nem do suposto atraso econômico do país, os problemas da Rússia eram culpa do socialismo internacional, especialmente, da covardia da socialdemocracia alemã.

Por isso, era importante perdoar os erros cometidos pelos dirigentes da revolução, no entanto, era igualmente importante para a classe operária internacional, analisá-los criticamente, porque só assim ela poderia se educar e realizar suas tarefas urgentes.

Rosa Luxemburg nunca fugiu de um debate e acreditava que a disputa livre, aberta de ideias era essencial para o desenvolvimento do movimento operário, pois este deveria ser capaz de se apropriar também das armas da crítica, por isso, apressava-se sempre em apresentar seus posicionamentos e foi muito criticada no SPD, taxada de efusiva, quase descontrolada. Assim, quando a revolução se apresentou era importante também entender seus meandros e aprender na "escola viva da história", "o proletariado atingirá o objetivo de sua viagem - sua libertação - se souber aprender com os próprios erros"²⁸.

Os bolcheviques tiveram o mérito de entender as necessidades daquela massa em movimento, como também fala Eric Hobsbawm, eles entenderam qual era a palavra de ordem necessária para levar a revolução adiante. Para Luxemburg, era "todo o poder aos soviets", para Hobsbawm, "paz e terra".

A partir disso, Luxemburg analisa três questões essenciais da Revolução de 1917, da história da Rússia e do movimento socialista do período: as questões agrária, nacional e democrática.

A questão agrária era um debate intenso nos círculos socialistas: seriam os camponeses agentes ou não da revolução socialista? Somente os operários urbanos poderiam dar conta dela? Como fazer agitação entre os camponeses e ao mesmo tempo criticar a propriedade privada? Este debate é longo e Rosa admite que os camponeses na Rússia tiveram um papel importante na revolução, no entanto, a política de terras que deveria ser tomada, para ela, era no sentido da coletivização. Os camponeses não deveriam ser forçados a coletivizarem suas terras, mas aquelas que haviam sido tomadas dos grandes proprietários deveriam ser nacionalizadas e colocada sob controle coletivo de comunidades. O pequeno camponês seria levado ao cooperativismo pelo crescimento

²⁸ LUXEMBURG, Rosa. A Crise da Social-democracia. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 18.

da propriedade que viria com a unificação entre agricultura e indústria, avançando os métodos de produção agrícola.

Hoje, sabe-se que a grande propriedade, na verdade, é menos produtiva que a primeira e que as diversas etapas de coletivização na União Soviética fizeram reduzir a produtividade no campo. No entanto, naquele momento, acreditava-se que este era o caminho do socialismo, pois agregava melhorias da indústria ao campo, tornando o trabalho na lavoura, teoricamente, menos massacrante. Dominava aqui a ideia de que os avanços técnicos do capitalismo eram bons e que o socialismo precisava socializar essa tecnologia, era escassa a crítica de que a forma e o conteúdo desses avanços eram problemáticos para a construção de outro tipo de sociedade.

O argumento de Rosa Luxemburg em relação aos camponeses era que a divisão das terras entre eles criava um grande número de pequenos proprietários que, com o tempo, se voltariam contra a revolução, recusando-se a socializar suas propriedades. Ela diz:

Agora, após a "tomada de posse", a coletivização socialista da agricultura tem um novo inimigo, uma massa de camponeses proprietários que aumentou, se fortaleceu enormemente e que defenderá com unhas e dentes contra todo atentado socialista, sua propriedade recentemente adquirida.²⁹

Isso se concretizou, no entanto, a conjuntura russa daquele momento exigia essa medida e Luxemburg, ao fazer a crítica, não põe nada no lugar.

Algo semelhante ocorre com o direito das nações a autodeterminação. A questão nacional é outro debate entre os socialistas e tema especialmente caro para Luxemburg. Ela sempre defendeu que o socialismo ultrapassa os nacionalismos e que a agitação da socialdemocracia deveria se pautar pela luta de classes, não pelas cores pátrias. Quando a guerra mundial parecia próxima, Luxemburg falou muito sobre isso e depois também. Além disso, seu partido na Polônia tinha uma posição polêmica sobre o assunto dentro da II Internacional, uma vez que era contra a bandeira da independência do país em relação aos impérios que o dividiam e a favor de uma agitação de classe e contra o czarismo.

Assim, quando Lenin assinou o tratado de Brest-Litovsk e abriu a possibilidade para as nações que constituíam o Império russo decidirem sobre seus destinos, ele pode ter acreditado que atrairia essas populações para a revolução, no entanto, avaliou mal a

²⁹ LUXEMBURG, Rosa. A Revolução Russa. In: LOUREIRO, Isabel (org). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 190.

questão nacional. Para Luxemburg, na sociedade de classes, o nacionalismo só serve a opressão, porque nela "cada classe da nação aspira a se 'autodeterminar' de um modo diferente, que para as classes burguesas, as considerações sobre a liberdade nacional vêm muito depois das considerações sobre a dominação de classe"³⁰.

Assim, estabelecer plebiscitos sobre a autodeterminação era deixar às classes burguesas o controle destes territórios, pois onde se sentissem ameaçadas impediriam o pleito. Foi o que aconteceu, as regiões independentes engordaram o exército dos brancos contra a revolução.

Para Luxemburg, o nacionalismo era o principal problema para a revolução internacional. Ele servira para justificar a guerra imperialista, com o apoio também da socialdemocracia, e agora servia às potências capitalistas para combater a revolução. Para ela, na batalha entre capital e trabalho, a ser travada a nível internacional, o capital ganhava pontos com a pauta do nacionalismo. E as consequências dessa pauta, com a oposição entre russos e alemães, por causa do tratado de Brest-Litovsk, levou ao "esmagamento da democracia" pela revolução.

É a partir desse ponto que Luxemburg insere a parte mais famosa de seu texto: as liberdades democráticas.

A socialdemocracia alemã supervalorizava a democracia burguesa e Rosa Luxemburg criticava isso, questão fundamental em seu texto de 1905. Para ela, a democracia burguesa era importante para o desenvolvimento do movimento operário, mas ele poderia crescer sem ela também, como ocorreu nos anos das Leis Antissocialistas de Bismarck e antes da revolução russa de 1905. A Rússia, para Rosa Luxemburg, não precisava passar pela etapa burguesa de desenvolvimento. Uma vez que a burguesia na periferia não poderia tomar a poder, era tarefa do proletariado acabar com o despotismo feudal e avançar para a sociedade socialista. A revolução de 1905 não olhava para as revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, mas apresentava o futuro, a revolução proletária.

Ainda assim, as liberdades democráticas eram muito caras a Rosa Luxemburg, eram elas que permitiam o livre desenvolvimento da consciência proletária e a apropriação da teoria revolucionária pela classe revolucionária.

Por isso, Luxemburg fez duras críticas a três medidas que são exemplos do "esmagamento da democracia", consequência da ideologia nacionalista. São elas: o

³⁰ LUXEMBURG, Rosa. A Revolução Russa. In: LOUREIRO, Isabel (org). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 191.

fechamento da Assembleia Constituinte, o direito de voto dado apenas aos que trabalham e a supressão das liberdades de imprensa, de associação e de reunião.

Para a autora, o argumento de que a Assembleia então eleita refletia uma sociedade burguesa e não proletária era válido, mas, então, deveriam ter convocado novas eleições. Ao contrário, os bolcheviques declararam que essas instituições eram supérfluas para a revolução, enquanto, para Luxemburg, é neste momento que elas servem mais, pois com a efervescência das massas, podem ser melhor controladas pelos trabalhadores e, portanto, expressar melhor um governo operário.

Quanto ao direito de voto, a Constituição bolchevique o definiu para os trabalhadores produtivos. No entanto, para Luxemburg:

Todo direito de voto, assim como em geral todo direito político, não deve ser medido por esquemas abstratos de "justiça" nem pela fraseologia burguesa democrática, mas pelas condições sociais e econômicas segundo as quais foi talhado.³¹

Por isso, Rosa defendeu que, diante da situação catastrófica em que a Rússia se encontrava, estabelecer o direito de voto somente para aqueles que trabalhavam era excluir uma grande parcela da própria classe trabalhadora, porque muitos deles encontravam-se desempregados ou recrutados no exército. Os mesmos que ajudaram a fazer a revolução. É verdade que ela também defende a cassação de direitos políticos e até de meios de subsistência para aqueles que fossem contrários a revolução, mas o direito de voto como fora estabelecido excluía vastas parcelas de revolucionários, enquanto a burguesia, também excluía, era uma parte muito menor que poderia ter sido retirada de outra forma.

Por fim, aqui sim, o trecho mais famoso de seu texto, a questão das liberdades democráticas. Luxemburg enfatiza a importância de um diálogo aberto, feito no espaço público.

Essa forma de agitação pautou toda a sua vida. Saía em campanhas eleitorais, campanhas ideológicas, participava de inúmeras reuniões do partido com trabalhadores, como parte da ação de agitação e propaganda, escrevia muito, sobre todos textos, entrava em todas as polêmicas, era professora na escola do SPD. Enfim, uma vida inteira dedicada à formação política das massas, baseada no debate livre e público.

Assim, por sua própria experiência, a prática da luta ensinava o proletariado a se organizar, mas era necessário também que ele se apropriasse da teoria marxista e

³¹ LUXEMBURG, Rosa. A Revolução Russa. In: LOUREIRO, Isabel (org). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 202.

tomasse as rédeas de seu destino, por isso, sua crítica ao cerceamento do debate na Rússia pós novembro de 1917 foi dura e ela recusa firmemente que a liberdade se torne um privilégio daqueles que concordam com os bolcheviques. Isso transformaria o Estado socialista em um "Estado capitalista de cabeça para baixo", que serviria para oprimir a burguesia, quando se tratava de abolir as classes.

Além disso, ela diz:

No plano político, mas também econômico e social. É preciso que toda a massa popular participe. Senão o socialismo é decretado, outorgado por uma dúzia de intelectuais fechados num gabinete.³²

Como o socialismo não é um sistema econômico pré-projetado, mas a ser construído, tudo o que se faz até a revolução é a crítica, o negativo. Após a revolução, é necessário erguê-lo e durante todo esse processo é importante o debate para que o socialismo não se transforme em uma “receita de bolo” a ser seguida em todas as partes, ignorando as condições históricas de cada lugar.

A anulação da vida política, para Rosa, tem o resultado de aumentar o terror e colocar mais pessoas à margem da sociedade, fomentando entre elas uma oposição à ditadura do proletariado. Os próprios soviets seriam paralisados, pois se as decisões se reduzem a um grupo de chefes e o debate não pode ocorrer livremente, a população se isenta de participar dessas instituições.

A questão é que a Rússia isolada, ameaçada pelo imperialismo alemão, não poderia realizar todas essas tarefas sozinha, Lenin e Trotsky fizeram o possível. No entanto, Luxemburg advertiu:

O perigo começa quando querem fazer da necessidade virtude, fixar em todos os pontos da teoria uma tática que lhes foi imposta por essas condições fatais e recomendar ao {proletariado} internacional imitá-la como modelo da tática socialista.³³

Os russos tiveram o grande mérito de fazer a revolução, colocá-la na ordem do dia para o proletariado internacional, restava saber qual seria a resposta da classe. Ela se insurgiria?

Na Rússia o problema só podia ser colocado. Ele não podia ser resolvido na Rússia, ele só pode ser resolvido internacionalmente. E, *nesse sentido*, o futuro pertence por toda parte ao "bolchevismo".³⁴

³² LUXEMBURG, Rosa. A Revolução Russa. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 207.

³³ Idem, p. 211.

³⁴ LUXEMBURG, Rosa. A Revolução Russa. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 2, p. 212.

Segundo Eric Hobsbawm, de fato, a revolução na Rússia abalou todas as estruturas na Europa, desencadeou um movimento que mexeu com a sociedade capitalista e colocou na ordem do dia a revolução social. Ocorre que na Europa central, a burguesia estava mais preparada para contornar a revolta. Era claro para os chefes ali, durante a Primeira Guerra Mundial, que uma revolução na Rússia abalaria todo o continente, pois foi o que eles viram em 1905, quando Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia se viram tomadas por movimentos de massa inspirados pela primeira revolução russa. As elites tiveram que fazer concessões, mas se mantiveram no poder, em grande parte, com o apoio dos partidos da II Internacional, pautados também por anos de discussões sobre o papel do nacionalismo e da democracia burguesa. E aqui retomamos os debates que envolveram a vida de Rosa Luxemburg.

O “principismo” socialdemocrata em relação a importância estratégica do parlamentarismo, foi alvo de crítica intensa por parte da autora, especialmente depois que a revolução de 1905 mostrou que a organização não estava acima de tudo, mas que o movimento avançava a consciência de classe muito mais do que debates eleitorais e congressos partidários, a experiência viva é a grande escola da classe.

E para se entender como classe e derrubar o capitalismo, o movimento deveria se pautar pela unidade internacional, porque o capitalismo, seja na periferia, seja no centro, é um sistema único e que submete as populações de acordo com os seus interesses, sem levar em conta as cores nacionais. Daí que o nacionalismo só poderia ser uma ideologia burguesa, usada quando convém para dividir os trabalhadores.

A II Internacional tinha grandes debates sobre a questão nacional e, como já foi dito, Luxemburg era grande opositora da autodeterminação, pois entendia que como sistema global, o capitalismo só poderia ser derrubado internacionalmente, não seria possível construir o socialismo num só país. Os debates da Internacional pautavam sempre a especificidade dos países, mas diziam que a classe permanecia unida e não tolerariam uma guerra fratricida.

Veio o assassinato de Franz Ferdinand e o encadeamento da política de alianças. Diante da situação, a socialdemocracia prostrou-se aos pés dos governos imperialistas. E o partido alemão, a vanguarda socialista daquele período, apoiou uma guerra com o argumento de ser uma guerra contra o despotismo russo.

Mas essas decisões não caíram do céu. Esse movimento era perceptível no partido naquele momento, pois vinham defendendo cada vez com mais ênfase a tática parlamentar como a única via para o socialismo, na verdade, a via para o capitalismo

reformado que se transformara no objetivo central dos socialdemocratas, embora não admitissem isso claramente. Em 1907, o congresso do SPD teve um grande debate sobre discursos de importantes membros, August Bebel e Gustav Noske, no parlamento, acerca da questão militar. Noske, na ocasião, disse que a socialdemocracia defenderia a Alemanha, caso uma guerra fosse deflagrada³⁵. O principal inimigo visto ali era a Rússia czarista, ao que a ala esquerda respondeu ser este país, após 1905, uma vanguarda no avanço do movimento operário e uma guerra contra os russos só teria como finalidade destruir os progressos do operariado no país.

Assim, ao colocar como questão fundamental dos problemas da Revolução Russa a autodeterminação dos povos, desenvolvendo daí a falta de democracia, Luxemburg debatia com os socialistas que apoiaram a guerra mundial e chamava a atenção para a importância da luta de classes como pauta central, não a nação.

Para Luxemburg, o nacionalismo era o pretexto perfeito para a expansão imperialista, crucial para girar a roda da exploração do trabalho, para a acumulação de capital. Ele insuflava os trabalhadores a matarem outras pessoas que sofriam a mesma opressão que eles, quando não pior, dizimava populações e abria espaço para as indústrias capitalistas explorarem novos espaços e pessoas.

Dentro disso, o militarismo cumpre um papel crucial, não apenas porque ele é o vetor da violência, o trator que passa por cima de tudo e todos preparando o terreno para a lavoura do capital, mas também porque ele é em si uma indústria, das mais lucrativas. Sua finalidade é a destruição e seu controle está totalmente nas mãos dos capitalistas. Na indústria armamentista, o capital pode se reproduzir indefinidamente, neste setor ele não encontra limites, a menos que o proletariado se levante contra seu jugo.

Assim, o nacionalismo era também um pretexto para o militarismo, mola propulsora do capital. Nesse sentido, cabia aos países centrais rever suas posições e abraçar a Revolução Russa não apenas com solidariedade, mas com ação, com a revolução social.

BIBLIOGRAFIA

GUÉRIN, Daniel. Rosa Luxemburg y la espontaneidad revolucionaria. La Plata: Utopia Libertaria, s.d,
LASCHITZA, Annelies. Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine

³⁵ SCHORSKE, Carl. German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism. Cambridge: Harvard University Press, 1993

- Biographie. Augbau Verlag, 1996.
- LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1 e 2.
- LUXEMBURG, Rosa. Gesammelte Briefe. Berlin: Dietz Verlag, 1984, v. 5, p. 329.
- NETTL, John P. Rosa Luxemburg. Londres: Oxford University Press, 1966.
- SCHORSKE, Carl. German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- SOUZA, Luiz Enrique Vieira de. A Recepção Alemã à Revolução Russa de 1905. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, out 2012, 319 p.
- VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. São Paulo: Global, 1980.